

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

O cineclube PSI na formação política LGBTQIA+

The cineclube Psi in the LGBTQIA+ political formation

El cineclube Psi en la formación política LGBTQIA+



Alexandre Paim Bispo

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil, apaimbispo@gmail.com



Shiniata Alvaia de Menezes

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil, samenezes@uefs.br

Resumo: Vinculado ao projeto de extensão Cinema: Subjetividade, Cultura e Poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, o Cineclube Psi surge com objetivo de realizar atividades cineclubistas ligadas ao curso de Psicologia e à comunidade externa da mesma universidade, visando explorar a diversidade da psicologia em suas diferentes abordagens e áreas de atuação promovendo debates variados e fomentando o interesse pela observação da linguagem cinematográfica. Utilizou-se da proposição de Paulo Freire de círculos culturais para realizar debates horizontais e não-hierarquizados, permitindo atuação ativa e reflexão crítica dos participantes. Nesse contexto, discussões sobre gênero e sexualidade se fizeram presentes, demonstrando a sua importância para uma formação política e profissional em psicologia através de debates sobre bullying, homofobia, descoberta da sexualidade na adolescência e avaliação psicológica com pessoas transgênero.

Palavras-chave: Extensão universitária; psicologia; cineclub; gênero; sexualidade.

Abstract: Linked to the extension project Cinema: Subjectivity, Culture and Power, from the State University of Feira de Santana, the Cineclub Psi arises with the objective of carrying out cineclub activities linked to the Psychology course and to the external community of the same university, aiming to explore the diversity of psychology in its different approaches and areas of activity, promoting varied debates and encouraging interest in the observation of cinematographic language. Paulo Freire's proposition of cultural circles was used to carry out horizontal and non-hierarchical debates, allowing active action and critical reflection of the participants. In this context, discussions about gender and sexuality were present, demonstrating their importance for political and professional training in psychology through debates on bullying, homophobia, discovery of sexuality in adolescence and psychological assessment with transgender people.

Keywords: University extension; psychology; film club; gender; sexuality.

Resumen: Vinculado al proyecto de extensión Cine: Subjetividad, Cultura y Poder, de la Universidad Estadual de Feira de Santana, el Cineclub Psi surge con el objetivo de realizar actividades de cineclub vinculadas a la carrera de Psicología y a la comunidad externa de la misma universidad, con el objetivo explorar la diversidad de la psicología en sus diferentes enfoques y áreas de actuación, promoviendo debates variados y fomentando el interés por la observación del lenguaje cinematográfico. Se utilizó la propuesta de Paulo Freire de los círculos culturales para realizar debates horizontales y no jerárquicos, permitiendo la acción activa y la reflexión crítica de los participantes. En ese contexto, las discusiones sobre género y sexualidad

estuvieron presentes, demostrando su importancia para la formación política y profesional en psicología a través de debates sobre bullying, homofobia, descubrimiento de la sexualidad en la adolescencia y evaluación psicológica con personas transgénero.

Palabras clave: Extensión universitária; psicología; clube de cine; género; sexualidad.

Data de submissão: 01/07/2022

Data de aprovação: 26/09/2022

1. O Cineclube PSI UEFS

O *Projeto Cinema: Subjetividade, Cultura e Poder* funciona há mais de 10 anos, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada na segunda maior cidade do estado da Bahia. O projeto trabalha com cine debates, explora obras audiovisuais e debate as relações entre subjetividade, cultura e poder, de forma horizontalizada, não-hierarquizada e com estímulo ao protagonismo dos discentes na organização das atividades. Nesse contexto surge a ideia da formação do Cineclube Psi UEFS.

Servano (s/d) descreve os cineclubes como espaços democráticos, educativos e sem fins lucrativos, que têm sua contribuição ao público no estímulo ao consumo de produções audiovisuais e na promoção de rodas de discussão. Para o autor, nesses espaços, o contato com diferentes cinematografias, narrativas, estéticas e culturas oportunizam maior conhecimento e troca de experiências sobre o cinema (SERVANO, s/d).

Partindo da vivência no projeto Sala de Cinema, surgiu a ideia de levar para o contexto do Curso de Psicologia uma proposta cineclubista, aberta à comunidade externa, que pudesse ser mais específica ao abordar temas que envolvem o objeto da psicologia como o saber e a subjetividade. Por outro lado, abrir o espaço à diversidade de perspectivas que compõem o quadro teórico do curso na UEFS. Nesse ensejo, incluir também outros campos Psi que não estão contemplados nesse tratado. Sendo assim, enfatizar a extensão como forma de ampliar o debate crítico sobre a formação do psicólogo, seu compromisso social e sua participação na luta pela garantia dos Direitos

Humanos no Brasil. Para isso, nos inspiramos em experiências anteriores que refletem sobre a linguagem cinematográfica e a possibilidade da experiência fílmica como ferramenta de educação. Sendo que, o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico são alguns dos principais objetivos de cineclubes (SERVANO, s/d).

A experiência cineclubista nas universidades brasileiras não é nova, remonta aos anos 1950/60, e atravessa períodos de maior abertura democrática. Assim como, se constitui como espaço de debates e enfrentamento dos períodos mais críticos durante regimes autoritários. Esses encontros ocorriam de modo mais aberto e público nas praças e espaços coletivos de bairro, escolas e universidades, porém também ocorriam em modos mais fechados e muitas vezes clandestinos, a depender do contexto e da época. A paixão pelo cinema, pelo debate crítico e político sobre o mundo mantém viva a experiência cineclubista ao longo de décadas. Como afirma Fonseca (2016), o cineclubes é um espaço transformador que propicia, através da fruição da arte, vivências de relações pedagógicas interpessoais mediante compartilhamento de conhecimentos, favorece o debate de diferentes temas, propicia mudanças de pensamentos e posicionamentos, além de possibilidades de reinvenção de si nas interações com o mundo.

Encontramos informações que na Bahia, desde as primeiras experiências nacionais, teve a presença marcante de cineclubes, que deram lugar a experiências importantes para o cinema nacional.

O cineclube na Bahia surgiu na década de 1950 com a formação do Clube de Cinema da Bahia por Walter da Silveira. “O Clube de Cinema foi fundado no sentido educativo, no sentido de uma formação de plateia a fim de que os baianos pudessem conhecer os filmes, por exemplo, do neo realismo italiano, ou do realismo poético francês. Walter da Silveira teve esse trabalho de exhibir os filmes, além de fazer um pronunciamento antes deles”, conta André Setaro. Foram nos clubes de cinema que os cineastas e intelectuais baianos, como Glauber Rocha, Roberto Pires, Orlando Senna e José Umberto Dias, na década de 1950, tiveram acesso a importantes obras do cinema e travavam discussões sobre as obras exibidas. É nesse contexto que surge o Ciclo Baiano de Cinema que resulta na realização de importantes obras do cinema baiano. (JANAY, 2009)

No contexto da Psicologia, o Conselho Regional promove experiências cineclubistas com espaço de debate e formação sobre questões importantes relacionadas ao campo profissional do Psicólogo e sua inserção na sociedade. Destacando que, a partir do universo fílmico é possível abordar questões que comumente atravessam o cotidiano da/o psicóloga/o. Sendo assim, auxilia o seu olhar profissional e cria espaços de aproximação entre o Conselho, as/os profissionais e as/os estudantes (CRP03, 2017).

A proposta visou fomentar a atividade cineclubista entre os estudantes do Curso de Psicologia, com envolvimento entre professores, funcionários, assim como colaboradores e convidados externos vinculados ao campo da Psicologia e/ou

interessados. A proposta iniciou por sensibilizar o corpo docente e discente para que pudessem se envolver nas atividades, numa experiência colaborativa com o discente voluntário do projeto Sala de Cinema. A apropriação da linguagem audiovisual permitiu a ampliação da expressão, dos processos criativos, dos horizontes de compreensão e realização dos envolvidos na experiência cineclubista. Portanto, possibilitou maior aproximação e diálogo com a realidade local e as questões mais globais da formação universitária e humana.

A parceria estabelecida entre o Cineclubes Psi e a disciplina Psicodiagnóstico I (CHF 921), foi um exemplo que propiciou a discussão de temas relevantes no processo de avaliação psicológica. O espaço do cineclubes, com sua característica de debate rico e plural, foi utilizado como recurso, incluindo-o no rol de metodologias inovadoras, que compõem as chamadas novas tecnologias de ensino, recentemente implementadas. As disciplinas de Avaliação Psicológica (AP) cumprem papel importante na formação acadêmica, não apenas porque têm um enfoque em conteúdo, que caracteriza prática exclusiva do(a) psicólogo(a), mas também porque estimulam o desenvolvimento do raciocínio teórico/prático em Psicologia. Sendo este, orientado para a integração de resultados de técnicas e testes psicológicos com temas abordados em outras disciplinas para favorecer a compreensão global do ser humano em suas dimensões bio-psico-sociocultural (NUNES, MUNIZ, REPPOLD, FAIAD, BUENO e NORONHA, 2012). A parceria com o cineclubes Psi, detalhada mais adiante, corroborou a ideia de que é preciso investir na qualidade do ensino da avaliação psicológica para

dissolver falsos dilemas e de preconceitos, que levam à desmotivação e desinteresse dos estudantes, e também dificultam apreender o enfoque atual da área da AP. Sendo essa, comprometida com as questões sociais que atravessam as diferentes e desiguais experiências humanas, entre elas as questões relacionadas a gênero.

2. Método

A metodologia do Sala de Cinema e, por consequência, do Cineclube Psi está em alinhamento com a educação popular teorizada por Paulo Freire quando pensa os círculos de cultura como espaços de diálogo horizontalizado para fomentar a participação crítica e não-hierarquizada dos envolvidos nas discussões. Seguindo a compreensão freireana que “não há nem jamais houve prática educativa em espaço e tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com idéias preponderantemente abstratas e intocáveis” (FREIRE, 2014, p. 78). Esses espaços têm como referência o audiovisual para disparar o debate de algum videoclipe que fomente discussões acerca de relações de gênero, raça e/ou classe, de modo a evocar as impressões dos participantes e de estimular o caráter essencialmente político que configura esses espaços.

Ao propor uma educação libertadora, Paulo Freire compreende a problematização como um exercício da análise crítica sobre a realidade das relações homem-mundo, requerendo uma postura dialógica sobre o

lugar de cada pessoa diante da sua realidade social (FREIRE, 1987). Dessa forma, na perspectiva freiriana, somente é possível refletir criticamente através do diálogo.

O diálogo, em Paulo Freire, favorece o pensar crítico-problematizador das condições existenciais e implica uma práxis social na qual ação e reflexão estão dialeticamente constituídas. A liberdade de homens e mulheres expressarem as suas ideias, o que pensam e por que pensam, junto com o outro, provoca a interação e a partilha de diferentes concepções que impulsionam um pensar crítico-problematizador da realidade. Esse movimento gera a necessidade de intervenção no nível das ações, visto que, na perspectiva freireana, a palavra verdadeira é práxis social comprometida com a ação transformadora (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. 08)

Dessa forma, após o cadastro formal do plano de trabalho na Pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana, vinculado à Sala de Cinema, as atividades de organização do Cineclube Psi iniciaram-se com a convocação de estudantes interessados em compor a equipe de execução. Após o levantamento de voluntários, criou-se uma identidade visual e um perfil no Instagram para divulgação das atividades a serem realizadas ao longo do ano de 2021. Para além, foi feito um planejamento semestral, pensando em cinedebates quinzenais, escalando filmes, temas e convidados que pudessem dialogar com

diversos campos de debate na psicologia, partindo da sua diversidade de abordagens e áreas de atuação.

Dentre os onze debates realizados, entre março e novembro de 2021, na análise de todas as temáticas que atravessaram a experiência do estudante que coordenou as atividades, os debates que envolveram discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade são, sem dúvida, os que mais mobilizaram a sua formação subjetiva e política, enquanto estudante LGBTQIA+ do curso de Psicologia.

3. Gênero e Sexualidade no Cineclube PSI: Pensando uma Psicologia Politicamente comprometida com a Diversidade

No primeiro cinedebate, focalizado pela segunda autora deste relato, realizado virtualmente, no dia 13 de março de 2021, sobre o filme *Extraordinário* (2017, direção de Stephen Chbosky), a temática da diversidade sexual apareceu como tema transversal. O filme aborda o tema da inclusão escolar, da aceitação e participação da diversidade na infância. Nesse contexto, a discussão sobre bullying apareceu com intensidade na obra e no debate. A sua relação com a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexuais (LGBTQIA+) se fez presente pelas falas de diversos participantes do debate..

Souza, Silva e Faro (2015) realizam uma aproximação da prática de bullying, definida por eles a partir de Smith (2002) como ações repetitivas e violentas de abuso físico, verbal, material ou de exclusão social a partir de uma relação de poder entre o autor e o alvo. Sendo assim, a homofobia, uma vez que o bullying pode ser orientado por preconceitos contra a diversidade sexual.

A homofobia é compreendida ainda como um dispositivo de regulação social que, a partir de uma construção cultural baseada na relação binária homem-mulher, legitima essa configuração como padrão para relações sexuais, afetivas e conjunturas familiares. Esse modelo baseado nas relações heterossexuais e que estigmatizam aqueles que subvertem a esse padrão recebe o nome de heteronormatividade (Teixeira-Filho, Rondini, Bessa, 2011 apud Souza, Silva e Faro, 2015, p. 290).

Dessa forma, o bullying de cunho homofóbico possui elementos de coerção das suas vítimas que são submetidas a uma violência heterossexista. Arán e Peixoto Júnior (2007) explicam que, na estrutura ocidental da matriz heterossexual vigente, tudo que escapa dessa matriz torna-se incompreensível, caso não corresponda a um esquema binário hierárquico e permanece como um excesso impossível de ser inscrito no âmbito simbólico. Portanto, é comum que jovens que estejam, de alguma forma, em dissidência sexual, sofram esse tipo de abuso por parte de seus pares em ambientes escolares.

Debater sobre bullying e homofobia, além de provocar reflexões interiores e dialogar diretamente com a experiência pessoal de alguém que foi vítima disso durante toda a experiência escolar, permite um olhar amadurecido diante das próprias vivências e uma leitura sócio-política da homofobia enquanto estrutura de manutenção do heterossexismo. Além disso, enriquece a formação em psicologia, uma vez que o Código de Ética Profissional prevê como obrigação destes e destas profissionais o combate a toda e qualquer forma de discriminação, violência e opressão (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

Em 02 de Junho de 2021, ocorreu outro cinedebate que envolveu a discussão de gênero e sexualidade a partir do filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2017, direção de Daniel Ribeiro). O filme aborda a relação homoafetiva de dois adolescentes, sendo um deles cego, no seu período de Ensino Médio, trata dos conflitos familiares, escolares, preconceitos, dificuldades e enfrentamentos que perpassam a vivência de um jovem homossexual e deficiente visual.

Nesse contexto, tratar da descoberta da sexualidade é de extrema relevância no que tange à psicologia, uma vez que a maioria das pessoas inicia sua vida sexual, homo ou hetero, na adolescência. Contudo, os adolescentes com práticas homossexuais - incluindo homens e mulheres homo e bissexuais - possuem maior vulnerabilidade em saúde que, segundo Taquette e Rodrigues (2015), se dá por fatores individuais, sociais e programáticos. Essa vulnerabilidade, segundo as autoras, acarreta em menor

engajamento em comportamentos de autocuidado, maior violência e não receber atendimentos nos serviços de saúde que levam em conta sua diversidade.

Há um importante debate político nessa discussão para a psicologia, que segundo o próprio Conselho Federal, deve atuar em defesa dos direitos humanos e em combate à estigmatização e à patologização das diversidades sexuais. Também é vedado às e aos profissionais de psicologia qualquer tipo de prática que vise uma cura ou tratamento contra a homossexualidade. (Conselho Federal de Psicologia, 1999)

Mesmo com as normas pelo órgão regulamentador da profissão no Brasil, a psicologia é atravessada pelo momento histórico e político de avanço de debates importantes em concorrência com o crescimento do que Miskolci e Pereira (2019) compreendem como movimentos anti-igualitários, ou seja, grupos e alianças que se voltam contra políticas de inclusão social e contra a expansão de direitos a grupos historicamente subalternizados. Assim como contrários a profissionais da educação, pesquisa e cultura que lidam com diferenças, especialmente de gênero e sexualidade.

Dessa forma, no Brasil, os movimentos anti-igualitários chegam à psicologia, principalmente, através de líderes religiosos ligados a setores do cristianismo. Já que, segundo Macedo e Sívori (2018), atores conservadores religiosos bloqueiam sistematicamente iniciativas contra a homofobia e contra a discriminação por orientação sexual e identidade

de gênero. Eles também citam diversos casos de psicólogos e psicólogas que se declaram cristãos e atuam em defesa de uma suposta “cura gay”, mesmo enfrentando processos éticos nos conselhos regionais e federais da profissão. Para eles,

[...] os efeitos políticos do ativismo em defesa da “cura gay” e contra a Resolução 01/99 do CFP vão além do direito deste grupo de psicólogos e não se restringem ao dano que práticas desse tipo causam aos sujeitos que a elas se submetem. Sua expressiva atuação faz parte de uma forte reação conservadora à ampliação dos direitos de sujeitos subalternos e ao protagonismo de movimentos feministas, e LGBT por um direito democrático da sexualidade (RIOS, 2006 apud MACEDO, SÍVORI, 2018, p. 1430).

A partir do exposto, percebe-se essencial para uma formação em psicologia que existam debates aprofundados sobre a questão da homossexualidade e a defesa pelos direitos não só de homossexuais, mas da população LGBTQIA+ como um todo, para fazer valer o Código de Ética Profissional e as resoluções que versam contrárias à discriminação de cunho LGBTfóbico. Esse compromisso político não se trata simplesmente de um ativismo, mas de exercer a profissão de forma ética e condizente com a realidade sócio-histórica brasileira.

Graças ao cinedebate de *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, foi possível abordar um horizonte possível de atuação de psicólogas e psicólogos, centralizando o olhar na humanização e acolhimento das vivências de diversidade

sexual. Partindo da compreensão das pessoas que fogem da - já anteriormente citada - matriz heterossexual possuem demandas e sofrimentos específicos de acordo com a realidade do país que mais assassina pessoas LGBTQIA+.7

A delicadeza da produção, do roteiro e da direção provocam uma sensibilização e uma comoção acerca do sofrimento de dois jovens homoafetivos buscando conhecerem a si mesmos, aos seus mundos internos e serem aceitos e acolhidos pelo mundo externo. Os diálogos do filme instabilizam uma psicologia supostamente neutra e alheia às discriminações, deixando cair por terra uma omissão diante de atravessamentos derivados da homoafetividade e chamando-nos à práxis em defesa da pluralidade de existências.

Em relação a parceria com a área da avaliação psicológica, destacamos a exibição e a discussão do filme *Transamérica* (Direção de Duncan Tucker, 2005), ocorrida em 15 de Junho de 2022, mediadas pelos dois autores do presente artigo. Tratou-se de evento informal do cineclubes Psi, que oportunizou reflexões acerca da transgeneridade e da atuação da/o profissional de psicologia em um processo de avaliação psicológica compulsória necessária à cirurgia de redesignação sexual. Acompanhar, na tela, a personagem Bree no enfrentamento de seus medos, dilemas, vínculos e relações familiares; adentrar os mundos de vida da personagem; conhecer suas lutas para afirmar sua identidade sexual, favoreceu a apropriação das prescrições do Código de Ética do Psicólogo (2005) e das Resoluções CFP

no 001/2018 e 009/2018, que normatizam as práticas psi direcionadas a este público, pelas/os discentes da disciplina. Portanto, contribuindo para a compreensão da AP enquanto prática alicerçada e comprometida com a defesa dos direitos humanos.

Para debater-se sobre a transgeneridade, compreende-se o gênero, de acordo com Jesus (2012), como uma manifestação psicossocial de um sujeito como homem ou mulher e que orienta o comportamento de socialização deste sujeito. Dessa forma, utilizar essa categoria implica dizer que homem e mulher são conceitos inscritos de forma corporal, social e histórica (GOMES, 2018).

Essa noção, indica a transgeneridade como um conceito “guarda-chuva”, que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado ao seu nascimento. Nesse “guarda-chuva” estão inseridas as pessoas transexuais, aquelas cuja identidade de gênero se constitui oposta ao gênero determinado ao seu nascimento, podendo ser homem trans, ao reivindicar-se como homem, ou mulher trans, ao reivindicar-se como mulher; essas pessoas tendem a buscar uma adequação do seu corpo em acordo com a sua identidade, podendo ou não passar por intervenções cirúrgicas e hormonais e as travestis, pessoas transgênero que reivindicam identidade e tratamento no feminino, mas, não necessariamente, enxergam-se como mulheres. (JESUS, 2012)

O não reconhecimento das identidades de pessoas transgêneros impactam direta e incisivamente em sua saúde mental, uma vez que a incongruência com o seu gênero atribuído ao nascimento pode acarretar distúrbios de caráter psicológico, acompanhados de tendências à automutilação e ao suicídio. Isso se dá, principalmente, por essas pessoas se encontrarem em situação de discriminação em diversos ambientes de socialização. (ARÁN, 2006)

A partir disso, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução CFP no 001/2018, a fim de direcionar a atuação de profissionais de psicologia com pessoas transexuais e travestis. Atuar de forma combativa contra a transfobia, não omitir-se diante de episódios de transfobia e não corroborar com eventos, serviços e discursos patologizantes e preconceituosos direcionados às pessoas trans são alguns dos artigos desta resolução, que representa um marco de enfrentamento aos movimentos anti-igualitários que alcançam, também a psicologia.

Destarte, a partir do filme *Transamérica* foi possível estabelecer algumas críticas à forma como um modelo de saúde mais tradicional trata a população transgênero que busca o processo de redesignação de gênero. A patologização advinda da necessidade do diagnóstico multiprofissional de disforia de gênero para obter acesso à hormonioterapia e aos procedimentos cirúrgicos vai de encontro à orientação do CFP de não patologização, demonstrando um atraso nas diretrizes de saúde que

versam sobre essa população e reforçando a necessidade de reflexões aprofundadas sobre as condições que perpassam a existência dessa população.

Portanto, a experiência de discutir a atuação da psicologia com pessoas transgênero serviu para que se observasse as condições de saúde mental e física que atravessam esse grupo populacional, que é cronicamente marginalizado e negligenciado no Brasil. A Partir disso, pensar as possibilidades, dilemas e impasses de trabalhar com essa população, desde a escolha dos instrumentos para avaliação psicológica até relações familiares e comunitárias, que interferem nos processos de adoecimento psíquico e de redesignação sexual. A importância desse debate se dá, ainda, pela dificuldade de uma discussão aprofundada no currículo de graduação sobre essa população, demonstrando, mais uma vez, o caráter formativo de atividades cineclubistas no âmbito da universidade.

4. Considerações Finais

O Cineclube Psi surge como plano de trabalho vinculado ao projeto de extensão conhecido como *Sala de Cinema*, na Universidade Estadual de Feira de Santana. A ideia de aproximar a comunidade docente, discente e externa ao curso de Psicologia da UEFS se dá pela compreensão do cineclube como um espaço de debate democrático e que permite experienciar discussões sobre

obras audiovisuais que transcendem os espaços tradicionalmente acadêmicos.

A metodologia de execução dos cinedebates do *Cineclube Psi*, orientada pelo projeto do *Sala de Cinema*, utiliza círculos culturais propostos por Paulo Freire para realizar debates horizontais e não-hierarquizados, para permitir atuação ativa e reflexão crítica dos participantes. Dessa forma, o cineclube foi cadastrado como plano de trabalho na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UEF. Depois de montar uma equipe executora com discentes interessados em contribuir, através da criação de perfil nas redes sociais, foram planejados eventos nos quais diversos filmes fossem abordados a partir de diferentes perspectivas teóricas e de atuação da psicologia. Nesse contexto, discussões sobre gênero e sexualidade fizeram presentes para demonstrar a sua importância para uma formação política e profissional em psicologia.

Os debates dos filmes *Extraordinário* e *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* envolveram discussões sobre bullying, homofobia e descoberta da homossexualidade na adolescência. Neste caso, dialoga diretamente com a história de vida do primeiro autor deste relato, o que permitiu olhar amadurecido diante da experiência de vida pessoal. Ao passo que provocou uma reflexão acerca da estrutura heteronormativa da sociedade ocidental e dos seus impactos na formação de subjetividade de pessoas LGBTQIA+. Somado a isso, a discussão do filme *Transamérica* ampliou a discussão sobre preconceito e discriminação por

identidade sexual e trouxe o elemento da transgeneridade. Sendo assim, instigou, assim como os anteriores, os participantes a pensarem qual o lugar da psicologia no enfrentamento às discriminações de cunho sexual e de gênero. Com análise sobre a forma de acolhimento às demandas das vítimas dessas práticas, no contexto da avaliação psicológica, unindo aspectos éticos e políticos em defesa dos Direitos Humanos.

Referências

- ARÁN, MÁRCIA. A TRANSEXUALIDADE E A GRAMÁTICA NORMATIVA DO SISTEMA SEXO-GÊNERO. **ÁGORA: ESTUDOS EM TEORIA PSICANALÍTICA**, v. 9, p. 49-63, 2006.
- ARÁN, M.; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. SUBVERSÕES DO DESEJO: SOBRE GÊNERO E SUBJETIVIDADE EM JUDITH BUTLER. **CADERNOS PAGU**, p. 129-147, 2007.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO Nº 010/05 **CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL**. BRASÍLIA: CFP 2005.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO NO 001/99. **ESTABELECE NORMAS DE ATUAÇÃO PARA OS PSICÓLOGOS EM RELAÇÃO À QUESTÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL**. BRASÍLIA:CFP, 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO CFP No 001/2018. **NORMAS DE ATUAÇÃO PARA AS PSICÓLOGAS E OS PSICÓLOGOS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS**. BRASÍLIA: CFP, 2018.
- CRP03. CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 3A REGIÃO. **PROJETO CINECLUBE Psis**. 2017. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://CRP.ABRASIVODIGITAL.COM.BR/PROJETO-CINECLUBE-PSIS-TEM-PRIMEIRA-EXIBICAO-COM-DOCUMENTARIO-MEU - NOME-E-JACQUE/](https://crp.abrasivodigital.com.br/projeto-cineclube-phis-tem-primeira-exibicao-com-documentario-meu-nome-e-jacque/). ACESSO EM: 03 JUN. 2022.
- FONSECA, M.J.S. CINECLUBE COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE. **REVISTA PESQUISA E DEBATE EM EDUCAÇÃO**. FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, MG. VOL. 6 N. 2, 2016.
- FREIRE, PAULO. **PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. RIO DE JANEIRO: EDITORA PAZ E TERRA, 2014.
- _____. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1987.
- GOMES, CAMILLA DE MAGALHÃES. GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DECOLONIAL. **CIVITAS-REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 18, p. 65-82, 2018.
- JANAY, P. **CINECLUBES EM SALVADOR**. REVISTA LUPA. UFBA, FACOM, 2009. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW.LUPA.FACOM.UFBA.BR/2009/10/CINECLUBES-EM-SALVADOR/](http://www.lupa.facom.ufba.br/2009/10/cineclubes-em-salvador/). ACESSO EM: 01 JUN. 2022

JESUS, JAQUELINE GOMES DE. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS.** GUIA TÉCNICO SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E DEMAIS TRANSGÊNEROS, PARA FORMADORES DE OPINIÃO, v. 2, p. 42, 2012.

MACEDO, C. M. R. DE; SÍVORI, H. F. REPATOLOGIZANDO A HOMOSSEXUALIDADE: A PERSPECTIVA DE "PSICÓLOGOS CRISTÃOS" BRASILEIROS NO SÉCULO XXI. **ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA**, v. 18, n. 4, p. 1415- 1436, 2018.

MENEZES, M. G. DE; SANTIAGO, M E. CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE PARA O PARADIGMA CURRICULAR CRÍTICO-EMANCIPATÓRIO. **REVISTA PRO-POSIÇÕES**, v. 25, p. 45-62, 2014.

MISKOLCI, R. PEREIRA, P. P. G. EDUCAÇÃO E SAÚDE EM DISPUTA: MOVIMENTOS ANTI-IGUALITÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS. **INTERFACE-COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO**, v. 23, p. E180353, 2019.

NUNES, M. F. O. ET AL. DIRETRIZES PARA O ENSINO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA. **AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: INTERAMERICAN JOURNAL OF PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT**, v. 11, n. 2, p. 309-316, 2012.

RIOS, R. R. **PARA UM DIREITO DEMOCRÁTICO DA SEXUALIDADE.** HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, v. 12, p. 71-100, 2006.

SERVANO, M. **CINECLUBE - UM ESPAÇO POLÍTICO PEDAGÓGICO E DE FORMAÇÃO DE PÚBLICO.** INSTITUTO DE CINEMA, SÃO PAULO. SEM DATA. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://INSTITUTODECINEMA.COM.BR/MAIS/CONTEUDO/CINECLUBE-UM-ESPACO-POLITICO-PEDAGOGICO-E-DE-FORMACAO-DE-PUBLICO-](https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cineclube-um-espaco-politico-pedagogico-e-de-formacao-de-publico-) . ACESSO EM: 01 JUN. 2022.

SMITH, P. K. INTIMIDAÇÃO POR COLEGAS E MANEIRAS DE EVITÁ-LA. **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E POLÍTICAS PÚBLICAS**, p. 187-205, 2002.

SOUZA, J. M. DE; SILVA, J. P. DA; FARO, A. BULLYING E HOMOFOBIA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS. **PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL**, v. 19, p. 289-298, 2015.

TAQUETTE, S. R. RODRIGUES, A. DE O. EXPERIÊNCIAS HOMOSSEXUAIS DE ADOLESCENTES: CONSIDERAÇÕES PARA O ATENDIMENTO EM SAÚDE. **INTERFACE-COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO**, v. 19, p. 1181-1191, 2015.

O cineclubes psi na formação política LGBTQIA+
Alexandre Paim Bispo • Shiniata Alvaia de Menezes

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; BESSA, J. C.. REFLEXÕES
SOBRE HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO EM ESCOLAS DO INTERIOR PAULISTA.
EDUCAÇÃO E PESQUISA, v. 37, p. 725-741, 2011.